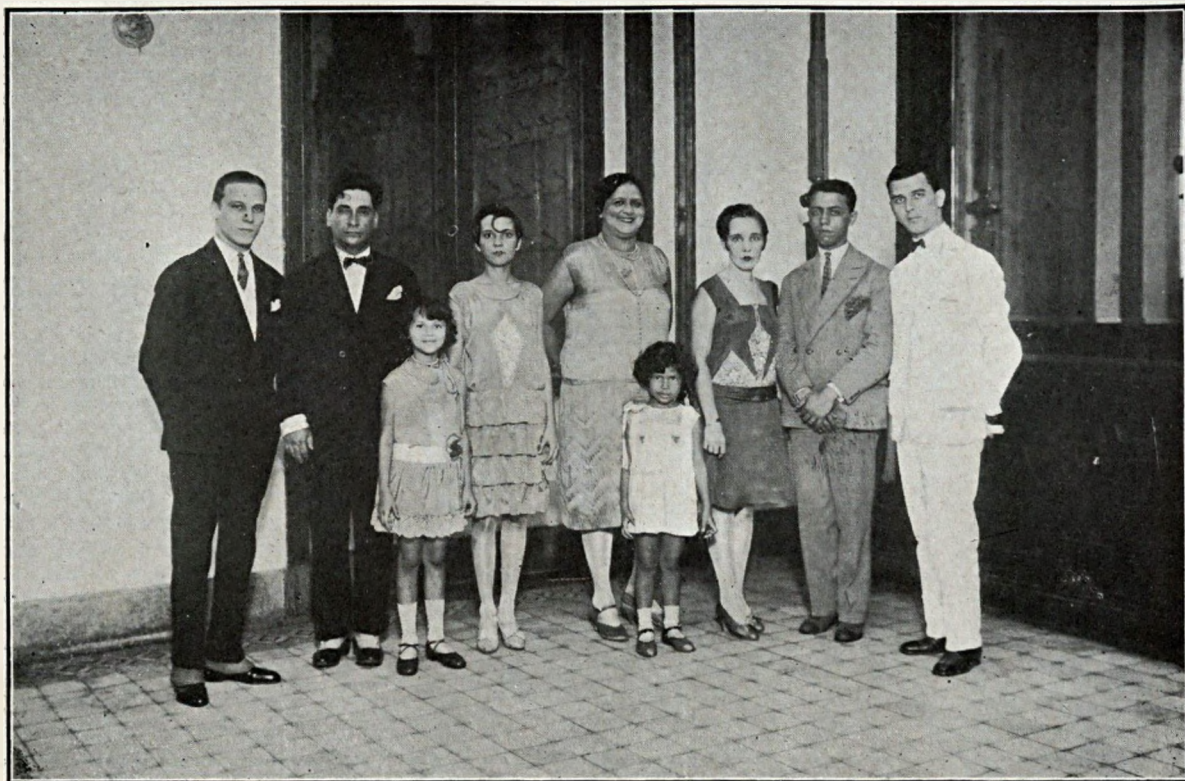


ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO



O Concerto em beneficio das victimas das inundações em Arassuahy.

O suicidio de Kiki

POR HERILS NEVERN

Aquella madrugada de quarta feira de Cinzas alvorecera fria e triste como todas as quartas feiras de Cinzas. Toda a noite chovera — uma chuva fina, polvilhada e intermitente. Com a aproximação do dia, debandavam, por toda parte, os ultimos foliões. Restos de «grupos», fragmentos de «cordões» passavam trauteando, somnolentos, as musicas de successo carnavalesco. Os automoveis corriam, espadanando a agua das poças, e pondo na tunica esfarrapada da noite os clarões dos seus focos electricos. Notas soltas de canções folionas eram levadas pela brisa da madrugada como ultimas expressões de vida das festas moribundas. Um grande cansaço invadia a cidade, que anciava por dormir até tarde, sob o frio acariciador que se infiltrava nas almas com os primeiros arrependimentos christãos.

Um grupo de mascarados surgiu, de repente, numa esquina proxima. Regressavam, decerto, de um baile de Carnaval e procuravam um

automovel que os conduzisse ao conforto quieto da cama. Eram cinco foliões: uma dama do tempo do Directorio, uma cigana TCHECA, uma andaluza e dois COW-BOYS americanos. Riam e falavam alto, commentando as esturdias dos tres dias de Momo. E as vozes das moças attenuavam o diapasão rouco dos homens, como notas de violino entre sonoridades graves de violoncelos. O COW BOY que ia na frente deteve-se de subito, com uma exclamação de surpresa:

— Um homem e um gato!

— Credo, Paulo, não brinca! Paulo não brincava, a despeito do gritinho de protesto da andaluza. Detivera-se proximo a um portal onde havia, realmente, um vulto de homem. Era um Pierrot branco, que se ajoelhara no solo e parecia grandemente desesperado. Tinha deante de si um pobre gato preto, todo ensanguentado, cuja immobilitade lhe parecia causar insanavel amargura.

— Olá, meu caro! Que fazes ahi?

O Pierrot ergueu a cabeça, onde havia uma touca feita de meia preta. A sua cara estava de tal modo empastada de tinta branca que era impossivel calcular-lhe, ao certo, a

idade. Tinha, porém, uns grandes olhos negros sobre os quaes desciam as cortinas discretas de umas pestanas longas. Delles deslisavam, em fio, as lagrimas. Dir-se-ia que o gato, que parecia morto, era o seu maior amigo, talvez o parente mais proximo do seu coração. Com as mãos enclavinadas no peito, era a imagem viva do soffrimento.

— Coitadinho do gato! disse a cigana, curvando-se para ver melhor o corpo do desgraçadinho. Era seu, cavalheiro?

Elle olhou um momento, sem uma scintilação de intelligencia na face parada. Estaria louco, ou irremediavelmente encharcado de alcool? De repente, como se se lembrasse da sua grande dôr, voltou a chorar mais forte e mais alto.

— Em que lhe podemos ser uteis? indagou o outro COW-BOY que ainda não tinha falado.

— Util? Ora, holas! disse, por fim, o Pierrot, com geito desabrido. Não vê que o meu Kiki está irremediavelmente morto? Morto, morto para sempre! E foi a Mimi que o matou, sabe?

— Que Mimi?

— A Mimi, aquella gata desavergonhada que hontem fugio com o Pompon, da casa das Pardellas.

Veja esta carta. Quanto não deve ter soffrido o meu pobre Kiki!

E desatou a chorar, de novo.

Paulo apanhou a carta que o Pierrot lhe estendia. Approximou-se do bico de gaz que alumia a escassamente aquelle trecho de rua. Todo o grupo acercou-se-lhe, cheio de insopitavel curiosidade. Elle leu alto, enquanto as moças mal disfarçavam o riso. Dizia assim a carta, escripta com letra esparramada e cheia de garranchos que lembravam, realmente, a caligraphia de um gato de boas letras:

«Sr. Chefe de Policia

Não attribua a nenhum crime a minha morte. Abandono voluntariamente a vida depois de sentir que ella se tornou para mim mais um supplicio do que uma dadiva muni-ficante. Chamo-me Kiki e moro com o sr. Archelau Martins, jornalista, residente á rua Santo Amaro 156, segundo andar. Ha dous annos estava noivo com a Mimi, uma gatinha muito graciosa e bem educada que morava fronteiro, em casa dos condes de Samardães. Apesar de eu ser um rapaz pobre (que futuro eu podia ter morando com um jornalista?) consegui conquistar o coração de Mimi, gatinha muito amimada e afeita á convivencia da rica gente dos Samardães. Todas as noites, sob as vistas complacentes das pessoas da casa, nós nos encontravamos no parque da casa

de Mimi. Quanta cousa linda, sr. Dr., eu segredei á minha querida Mimi entre as flores amaveis do jardim dos Samardães! Jurámos, como os homens fazem, um amor eterno e sempre firme. Era de ver o carinho com que ella me lambia as patas, feridas, muitas vezes, em atritos pessoas com o Plutão, o cachorro da casa, que tinha lá os seus ciumes por causa da Mimi. Que pretencioso, o Plutão! Elle bem sabia que a Mimi gostava de mim, mas não perdia o habito de implicar commigo.

La tudo muito bem quando, uma manhã — maldita manhã! — foi morar ao lado dos Samardães uma familia paulista. Era gente muito rica, que tinha dous automoveis, e creados sempre muito bem fardadinhos. Para desgraça minha, a familia paulista possuia um gato — o Pompon, mais feio do que eu, e dizem que sem nenhuma instrucção de bellas letras. Com toda sua feiura e ignorancia o Pompon passeiava nos automoveis, ao lado da senhora paulista. Foi a minha perdição. Logo que o viu nos coxins macios do Packard a Mimi começou a mostrar-se esquiva commigo. Ja não me recebia com caricias como outrora, e um dia em que lhe lancei em rosto a sua infidelidade arranhou-me a cara e arrancou-me um punhado de pelos. Em breve toda a vizinhança soube dos novos amores de Mimi

com Pompon. Os creados da casa fechavam-me o portão na cara, e Plutão rosnava, do lado de dentro, com ares ameaçadores. Era essa a minha triste vida quando hontem, pela madrugada, vi chegarem de um baile de mascaras os dois infames: Mimi e Pompon. Ella vinha linda como nunca, fantasiada de escosseza. Elle... não quero saber como vinha. Avancei para os dous, cego de colera. O CHAUFFEUR do Packard investiu para mim e ter-me-ia dado um pontapé se não pulo, de geito, para o meio da rua. Recolhi-me ao telhado e deliberei desertar da vida. Poderia atirar-me de cima da casa mas preferi morrer, como morrem os homens: debaixo de um automovel. Adeus. Não deixo herdeiros nem parentes (assignado) KIKI»

Quando Paulo acabou a leitura as moças choravam. Um guarda civil que chegara, attrahido pelo ajuntamento, providenciou para a vinda da Assistencia e de uma carrocinha da Limpeza Publica. Archelau Martins foi recolhido, com febre, ao hospital. O corpo de Kiki, levou-o uma carroça de lixo. E enquanto Paulo chamava um taxi, a moça do tempo do Directorio, que não tinha falado, disse:

— Alma de gato!

E limpou uma lagrima, na ponta do lenço.

BERILO NEVES



Festa em homenagem ao novo Comandante da Fortaleza de S. João.